

Reflexões sobre as imagens dos homossexuais idosos no jornal *Lampião da Esquina* e na revista *Sui Generis*¹

Fábio Ronaldo da Silva²

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

Glauco Fernandes Machado³

Faculdade Reinaldo Ramos – Cesrei, Campina Grande, PB

RESUMO

No Brasil desde a metade do séc. XX a ideia de envelhecer vem sofrendo mudanças em sua concepção teórica, técnica e interpretativa, isso porque a cultura do corpo visava apenas a juventude em sua inteira magnitude e beleza. Associasse que o tempo de glória de vida dos velhos já tenha encerrado e por isso práticas cotidianas destes, aos olhos da sociedade, causa estranhamento. Assim como pensar na homossexualidade durante a velhice é algo que quase sempre existe um silenciamento. Mas em alguns momentos esse silêncio é rompido quando aparecem matérias sobre velhice e velhos sendo entrevistados. Buscamos aqui, refletir sobre o espaço que o *Lampião da Esquina* (1978) e a *Sui Generis* (1995), publicações dirigidas ao público homossexual, oferecerão em sua páginas sobre a velhice.

Palavras-chave: homossexualidade; mídia impressa; velhice.

Mídia e velhice

A história da homossexualidade é entrecortada por inúmeras manifestações de violência, perseguição e oposições. Nas últimas décadas do século XX e bem mais no século XXI, os homossexuais assumiram o espaço público no intuito de buscar diminuir o silêncio que imperava, empunhando bandeiras e exigindo o direito à orientação homoafetiva ou uma busca pela “estética da existência”. As lutas empreendidas por estes sujeitos⁴ têm levado a sociedade a repensar seus valores e suas instituições. Isto não significa, porém, que o preconceito e a violência deixaram de existir ou que diminuíram. Estudos sobre homossexualidades têm sido difundidos em muitas universidades do mundo. No Brasil, há tempos pode ser encontrada uma produção significativa sobre as interfaces que envolvem o tema. Todavia, é ainda relativamente escassa a quantidade de estudos no campo da história sobre a homossexualidade na velhice.

¹ Trabalho apresentado no DT – Estudos Interdisciplinares do XVIII Congresso da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Doutorando em História pelo PPGH/UFPE, E-mail: fabiocg@gmail.com

³ Mestre em Antropologia pelo PPGA/UFPE, E-mail: glauco.artes@gmail.com

⁴ Sujeito, em Foucault, pode ser entendido de duas maneiras: sujeito a alguém pelo controle e dependência, bem como preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento, (DREYFUS & RABINOW, 1995).

Minois (1999), ao buscar escrever a história da velhice no Ocidente, já se perguntava sobre esse silenciamento junto aos historiadores acerca desse assunto.

Mas acontece que os historiadores uma vez mais estão atrasados e certas explicações já foram fornecidas para a sua falta de entusiasmo sobre uma história de velhice. Estabelecendo um paralelo com a sua história de infância, Phillipe Ariès pensava que a degradação sofrida no século XX pela imagem do velho, podia dar conta do desinteresse das ciências humanas a esse respeito, uma vez que a criança, domínio hoje bem preciso, é um tema mais popular. E o mais importante talvez é o facto de os velhos outrora nunca terem construído uma categoria homogênea e isolada do resto da sociedade (MINOIS, 1999, p. 15).

No Brasil, a população de idosos passou a ser motivo de interesse mais constante nas diversas áreas a partir do século XX, impulsionado pelo crescimento do número de pessoas nessa faixa etária. Entretanto, há poucos estudos sobre homossexuais e envelhecimento, como apontam Pocahy (2004), Motta (2009) e Weeks (1983). Este último, ao refletir sobre o assunto, destaca que há poucas pesquisas teóricas e informações empíricas sobre o processo de envelhecer. Ainda para esse autor, o envelhecimento enquanto experiência deve ser percebido a partir de suas particularidades e reconhecer que,

ainda é um pouco surpreendente que se saiba tão pouco sobre os problemas enfrentados pelos homossexuais mais velhos, pois esses supostos problemas têm assomado tanto nas atitudes sociais convencionais perante a homossexualidade quanto na mitologia do próprio mundo gay. Por exemplo, há um sentimento amplamente difundido de que a cena comercial gay e também a cena gay mais politizada são muito orientadas para a juventude, valorizando muito a aparência jovem e bela, a riqueza, o hedonismo complacente e o sucesso medido através do índice de conquistas sexuais casuais. O caráter transitório de muitos encontros sexuais, por sua vez, alimenta o medo da solidão na velhice (WEEKS, 1983, p. 238).

Se ainda são poucos os estudos sobre homossexuais idosos, mais raros são os estudos sobre esse grupo na mídia voltada para os gays velhos que, essa mídia que cada vez mais vem se segmentando – hoje é possível encontrar publicações voltadas para vários grupos e tipos de gays no país⁵ – mas é perceptível a ausência de publicações impressas voltadas para os homossexuais idosos. Há alguns sites informativos que têm como público-alvo *bichas velhas*, a exemplo do *Grisalhos*⁶ criado em 2009 do qual faz parte a revista digital *Homens Maduros*.

⁵ Podemos citar como exemplo a revista *Bear* (voltada para gays gordos ou para quem se interessa por tal perfil), além das revistas *A capa* e *Lado A* (para aqueles que cuidam do corpo e se interessam por assuntos ligados a televisão e cultura), dentre outras.

⁶ <http://grisalhos.wordpress.com>

Pesquisadores das ciências humanas e sociais no Brasil, em específico mesmo que timidamente, vêm buscando escrever, refletir, debater sobre a história da velhice em vários âmbitos. Entretanto, ainda há uma lacuna em História referente aos gays velhos.

Busca-se com esse trabalho, que faz parte de uma pesquisa de doutorado que está sendo desenvolvida no Programa de Pós-graduação em História da UFPE, problematizar as imagens sobre os homossexuais velhos trazidas no periódico *Lampião da esquina*, primeiro jornal voltado para o público homossexual a ter circulação nacional durante o período de publicação (1978 a 1981) e na revista *SuiGeneris* - primeira revista voltada para o público GLS de circulação nacional produzida entre os anos de 1995 a 2002. Pela questão de espaço, analisaremos aqui apenas duas matérias de cada uma das publicações mencionadas.

Em boa parte do material utilizado para a composição deste trabalho, os corpos dos homossexuais velhos nunca são mostrados, pois nada mais é do que uma “mercadoria” obsoleta. O que será utilizado é apenas o discurso, muitas vezes advindo de pessoas famosas mostrados sempre como vencedores, experientes e sabedores, com um saber-fazer secular (MINOIS, 1999), e que servem como exemplo para os gays mais jovens. Há também ainda matérias que “ensinam” como evitar a velhice (que se tornará visível pelas marcas no rosto ou pelos cabelos brancos) para manter-se jovem e desejável. Ou seja, o “ser gay” está ligado ao “ser jovem”, logo, a ideia do “ser jovem” não deve aparecer apenas no rosto, mas também no corpo que deve ser “sexy”, “gostoso”, “malhado”, “sarado”, “atlético” e “saudável”. Estar jovem e “na moda” será a “lei”.

Se a preferência pela juventude e a antipatia pela velhice é comum na história das concepções ocidentais sobre envelhecimento e também constituem sentimentos disseminados na chamada cultura de consumo contemporânea,

eles parecem atingir o seu ápice quando se considera a chamada “cultura gay masculina” dos centros urbanos e das metrópoles. Nesse cenário, aparentemente marcado pelo hedonismo complacente e pela obsessão com atributos físicos, capazes de suscitar atração e desejo, em que tudo parece girar em torno de um mercado sexual hierarquizado por critérios de juventude e beleza, não haveria lugar para pessoas de mais idade, que carregariam os estereótipos derivados da depreciação de sua atratividade como parceiros sexuais desejáveis [...] (SIMÕES, 2003, p. 5).

Aos mais velhos, só restariam pagar para desfrutar de companhia fugaz e arriscada. E essa concepção ou “verdade” social e histórica imbricada ao ser homossexual idoso nos remete à interseção saber/poder de Foucault (2003, p.12) que afirma que “a verdade é deste mundo; ela é produzida nele, graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos

regulamentados de poder” e a mídia acaba se constituindo em um ótimo espaço para reproduzir e reafirmar essas “verdades”.

Buscando-se redefinir uma imagem positiva do envelhecimento, a palavra “velho” é tida como agregador de preconceitos. Então outras terminologias passaram a ser inventadas: idosos, terceira idade, melhor idade. Cada uma possuindo uma grande variedade de significados e representações. Mesmo assim, prevalece o paradigma de que ser velho é sinônimo de inatividade, inutilidade, impotência, fragilidade, solidão. Não possuidor da vitalidade física, o corpo perde a virilidade, torna-se opaco, sem vida. No mundo moderno, estar velho e, conseqüentemente, vivenciar a velhice é aproximar-se da morte (ALBUQUERQUE JR, 2010).

Acendendo o *Lampião*

De acordo com Green (2014) as autoridades políticas da Ditadura Militar no Brasil percebiam a homossexualidade como uma manifestação de subversão. Logo, os homossexuais se tornam inimigos do Estado, ameaça para a sociedade e a segurança nacional e que estavam associados aos movimentos feministas e dos negros, sendo uma espécie de triunfo da subversão comunista. Entretanto, não se pode afirmar que a ditadura militar perseguia a homossexualidade, nem por causa dela o indivíduo seria preso, torturado ou morto. É importante chamar atenção para como as forças da repressão viam na homossexualidade um componente de complô bem mais amplo, tendo como inspiração o comunismo. E foi durante esse período que os “subversivos” foram gozando e criando meios para falar aos iguais, que sentiam e desejavam da mesma forma que eles. Era preciso iluminar, dar visibilidade às *bichas* e aos *bofes*, fazê-los perceber que não precisavam viver escondidos, só e somente no escuro dos cinemas ou nos banheiros fazendo pegação. Ser “guei” era mais do que isso e era necessário quebrar as portas do armário e usar um *Lampião* para iluminar esses que “atentavam contra a família e a moral⁷”. Então um grupo de intelectuais assumidamente gays, inconformados diante de tanta repressão e conservadorismo existente no país pensaram um jornal para discorrer não apenas sobre

⁷ No ano de 1977 o presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Dom Aloísio Lorscheider faz uma crítica ao que ele denominou de processo gradual de permissividade no Brasil que, de acordo com ele, teria tido início “com o divórcio, agora foi a vez da pílula, amanhã será o aborto e, depois, o homossexualismo. Ai, será o fim.” “INPS também fará controle familiar” - Estado de São Paulo, 29 de julho de 1977, p.14. <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19770729-31399-nac-0014-999-14-not>

sexualidade, mas também lutar contra o preconceito e a repressão recrudescidos durante o regime militar.

O projeto do *Lampião* começa a ser pensado após a visita do editor da publicação americana de São Francisco *Gay Sunshine*, Winston Leyland, que esteve no Brasil em busca de escritores homossexuais para uma antologia de literatura gay latino-americano. A visita do editor foi coordenada pelo advogado João Antônio Mascarenhas e que ficou responsável por marcar entrevistas com a imprensa e encontro com escritores. A vinda de Leyland ao Brasil foi noticiada por revistas como *Veja* e *Istoé*, e pelos jornais *Pasquim*, *O Globo*, *Folha de São Paulo*, dentre outros. A vinda do editor do jornal americano resultou na publicação dos livros *Now the Volcano* e *My deep dark pain is love* (HOWES, 2003).

Depois da estadia de Leyland no Brasil os jornalistas Aguinaldo Silva⁸, Adão Costa, Antônio Chysóstomo, Clóvis Marques, Gasparino Damata⁹, João Antônio Mascarenhas, o cineasta Jean-Claude Bernadet, o poeta e crítico de arte Francisco Bittencourt, o cineasta e escritor João Silvério Trevisan e o antropólogo Peter Fry se reuniram na casa do pintor Darcy Penteado para pensar a ideia do periódico, sendo estes os que formaram o conselho editorial da publicação.

O *Lampião* é idealizado em 1977 e “aceso” no ano seguinte, no período da abertura política e do enfraquecimento do regime militar instalado no Brasil em 1964. Em abril de 1978, ano em que saiu o número zero do jornal, os movimentos estudantis e operários, base das Diretas Já, ocorridas no ano de 1983, estavam começando a se organizar. Foi também o período no qual a vistoria prévia ocorrida nos grandes jornais começava a ser suspensas. Entretanto, isso não significava o fim do controle e da perseguição política, como veremos mais adiante.

Periódico de circulação mensal e nacional¹⁰, o *Lampião* tinha o formato tabloide, contendo 20 páginas ilustradas com desenhos, caricaturas e fotografias. Com tiragem inicial de 10 mil exemplares em pouco tempo, passou a ter 15 mil exemplares vendidos. Possuía editorias fixas a exemplo do “Cartas na mesa”, uma seção de artigos e notas variadas chamava-se “Esquina”, as matérias de capa eram publicadas em “Reportagem”, “Literatura”, “Ensaio”, “Troca troca” que trazia cartas de leitores que buscavam

⁸ Lança em 1975 o livro *Primeira carta aos andróginos*.

⁹ Em 1976 edita *Histórias do amor maldito*.

¹⁰ Ao observamos a seção de cartas, por exemplo, podemos perceber que o jornal circulava pelos grandes centros urbanos e cidades do interior do Brasil, a exemplo do Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, Salvador, além de Ceará Mirim (Rio Grande do Norte), Teresina (Piauí), Campina Grande (Paraíba), dentre outras cidades.

relacionamentos afetivos e/ou sexuais e, a partir da quinta edição surge a seção “Bixórdia”¹¹ que trazia, de forma bastante irônica fofocas do cotidiano de leitores do *Lampião*. Havia ainda “Opinião” espécie de editorial e “Tendência” que era uma seção cultural que se dividia em “Livro”, “Exposições” e “Peça”.

Das 38 edições do *Lampião*, poucas fizeram menção as “mariconas” ou a velhice. Não existe nenhuma matéria especificamente que vá discorrer sobre o assunto, tal tema aparece de soslaio. Seja através de cartas (na seção “Troca-troca”), seja em enquetes, ou comentários sobre filmes, em cuja produção há uma personagem gay idoso, seja nas enquetes, ou matérias onde tal assunto é mencionado. Foram no total 15 matérias em diferentes edições do periódico onde o assunto velhice ou os velhos são mencionados, 12 missivas de rapazes mais jovens buscavam um homem mais velho para chamar de seu, duas cartas onde leitores mais velhos se posicionam sobre um determinado tema ou sobre a ausência de publicidade voltadas para o público com mais idade.

Em meio a matérias e artigos que mostravam a necessidade de um jornal para dar visibilidade as minorias ou sobre o caso do jornalista Celso Curi, que foi demitido do jornal *A última hora*, sob a alegação de “contenção de despesas” – ele era o responsável pela *Coluna do Meio* – e que foi incurso no artigo 17 da Lei da Imprensa por “ofender a moral e os bons costumes” ao falar sobre a homossexualidade na coluna que escrevia, correndo o risco de ser preso por um ano, na primeira edição de *Lampião*, que não era ainda da *Esquina*, temos uma matéria assinada por Adão Costa na seção *Tendências* intitulada “Ritual da amizade na TV” onde se fala sobre a dificuldade de falar de forma séria sobre o homossexualismo na TV, sendo na sétima arte um dos locais onde o tema vai ser abordado com uma certa regularidade e menciona a exibição do filme *Ritual de amizade* que foi exibido na TV Guanabara e houve pouca divulgação, gerando pouca audiência para a emissora. O jornalista cita o nome de alguns filmes como *Os pecados de todos nós* (1967) também conhecido como *Reflexos de um olho dourado*, *Mulheres Apaixonadas* (1969) e *Morte em Veneza* (1971), sendo este último aquele sobre o qual nos deteremos.

A película de Luchino Visconti é mencionada por Costa por trazer a homossexualidade sem transformá-la em chacota ou ridicularizar os homossexuais. Em poucas linhas, é dito que o filme, adaptação da obra de Thomas Mann, retrata a história de um velho escritor, viúvo, vivenciado pelo ator Dick Bogarde que se apaixona pelo ninfeto Tazio (Björn Andrésen). A ênfase dada nas poucas linhas que menciona o filme é naquele

¹¹Bixórdia, s.f. em machês, palavra originária de bicha, s.i (substantivo indefinido), somada a mixórdia, s.f. mistura, bagunça. Representação do que é livre, auto permitido. (LAMPÍÃO, Ed. 05, 1978, p.12).

assunto que, para muitos, assusta tanto quanto a morte: a solidão. Ao mencionar a paixão do personagem Gustav von Aschenban pelo jovem Tadzio o jornalista poderia ter falado da possibilidade de se vivenciar um amor quando na velhice ou o quanto em um corpo velho pulsa desejo e de desejo, seja por pessoas mais jovens ou não mas, para Adão Costa, velhice estava associada à solidão. O amor, que mais tarde se tornará uma obsessão, por Tadzio faz Gustav, que estava sem inspiração para escrever e melancólico, passar a ver o mundo e a vida com o olhar de pessoa apaixonada.

Apesar de estudos mostrarem que a gestão da velhice começa a mudar no Brasil a partir da década de 1970 quando, no período do regime militar é instituído por meio de decreto-lei a renda mensal vitalícia (pensão) para aqueles a partir de setenta anos em condição de pobreza e que fossem contribuintes da Previdência Social por, no mínimo 12 meses. É também nesta década que o Ministério da Previdência e Assistência Social defini uma “política social do idoso” objetivando a implementação de um programa médico-social para eles. Os discursos que diziam a velhice na imprensa, por exemplo, a percebia como um momento de afastamento da vida produtiva, cabendo aos velhos não o desejo, o prazer ou o amor, mas a reclusão ao espaço privado e esse discurso será recorrente no *Lampião da Esquina* quando vai falar sobre os velhos.

Em julho de 1980, a vigésima sexta edição do *Lampião da Esquina* chegava as bancas e livrarias de várias cidades do país com a seguinte indagação feita por Carlos, 49 anos, e publicada na coluna *Cartas na Mesa* “(...) é verídica a sensação que eu tenho que entre os homossexuais vigora uma discriminação: a discriminação da idade. Serão os coroas discriminados entre os discriminados? (p.17). O leitor diz acompanhar, além do *Lampião* outras publicações voltadas para o público guei e percebe uma ausência de publicidade voltadas para o público mais velhos nesses periódicos. Os produtores do jornal não confirmam nem negam a pouca publicidade voltada para tal grupo, mas confirma que entre os heteros e homossexuais existia preconceito em relação às pessoas com mais de 35 anos que já são consideradas “passadas”, coroas”, “*fanées*”.

Se formos pensar no que é “ideal” e, de certa forma aceitável, entre os homossexuais, em específico, pode-se dizer que o sujeito pode ser homossexual desde que não seja afeminado, uma “caricata e louca desvairada”, ser velho também será um demérito, a verdadeira aproximação da morte. Esse “ideal” não dá espaço para a invenção da homossexualidade a partir de um ativismo constante e questionador como falava Foucault. A forma idealizada pelos homossexuais – jovem, bonito e másculo - e reproduzida pela

mídia impressa voltada para esse público exclui terminantemente outras possibilidades de “modelos” de gays, existindo dentro do próprio grupo que já é estigmatizado por uma parte da sociedade heteronormativa subgrupos que sofrem preconceitos por ser afeminados, gordos e velhos.

Mesmo existindo esse preconceito, e ainda dialogando com a carta de Carlos, ele lembra que,

(...) os gueis coroas também amam demais; precisam de amor guei; gostariam de participar da luta; muitos (como eu) só com certa idade tentam se assumir publicamente e não podem fazê-lo para não ver arruinar-se tudo o que construíram com lágrimas, renúncias, carências profundas e aflitivas, amando e transando forçados a se esconder (portanto, só com o meio prazer) obrigados a esconder e abafar seus sentimentos e seus desejos tão veemente. (LAMPPIÃO DA ESQUINA, 1980, p. 17).

Apesar de uma proposta de atingir o máximo de minorias possíveis, contribuindo e incentivando para que os homossexuais pudessem expressar a sexualidade sem vergonha, se aceitando da forma que eram, pois desejar e se relacionar com uma pessoa do mesmo gênero não era doença, havia um público ainda que não se via no *Lampião*. Ao contrário de publicações futuras que irão dizer velhice como uma “doença” que poderá ser evitada com o cuidado de si através do uso de cosméticos, exercícios físicos e uma vida mais saudável, os lampiônicos dirão a velhice e os velhos gays como algo assustador, que deveria ser escondido, questionando a presença das *bichas velhas* em locais de sociabilidades frequentados por homossexuais, apesar disso os leitores que enviavam cartas para o *Troca-troca* se mostravam vivos, a procura de vivenciar amor e amores e que a sexualidade não se esgota com o passar dos anos.

***Sui Generis*: uma revista de “discernimentos sérios e futilidades chics”**

Com o fim do *Lampião*, ocorrido em 1981, por quatorze anos o público homossexual contava apenas com as revistas eróticas¹² e/ou pornográficas, a maioria delas estrangeiras, centradas na publicação de fotos de nu e cenas de sexo, e com as publicações internas dos grupos, de alcance bem mais restrito entre os não-militantes.

Possivelmente a grande lacuna no tocante a publicações com propostas próximas ou parecidas com a do *Lampião* tenha ocorrido por questões como a ditadura militar que

¹² Segundo Abreu (1996) sob o rótulo de erótico estão abrigadas aquelas obras que abordam assuntos relativos à sexualidade com teor “nobre”, “humano”, “artístico”, problematizando-os com “dignidade” estética, e de pornográfico as de caráter “grosseiro e vulgar”, que tratam do sexo pelo sexo, produzidas em série com o objetivo evidente de comercialização e de falar somente aos instintos.

mesmo sem a força que tinha nas décadas de 60 e 70, no começo da década de 1980 os militares ainda se mantinham no poder; a chegada da AIDS no Brasil e a associação feita por boa parte da sociedade que “se é gay é aidético”, a fragilidade econômica que o país passou nos anos oitenta e o desmantelamento que vai existir no chamado movimento gay brasileiro que começou a se formar na década de 70. Isso tudo contribuiu para que, apenas na década de 90 que surgiria uma revista que não tinha o sexo, as correspondências amorosas e os contos eróticos como principal pauta, mas o assumir-se gay sem vergonha e sem culpa.

A *Sui Generis* foi uma publicação que surgiu em 1995, não se dizia militante mas um espaço de “discernimentos sérios e futilidades chics dirigidas para homens e mulheres gays” (SUI GENERIS, ed 01, p. 60). Segundo o jornalista Nelson Feitosa, idealizador da revista e diretor de redação, a proposta era fugir do “gueto” das publicações eróticas restritas a um mercado erótico que sofria preconceito da sociedade, então o projeto inaugura no país um mercado voltado para um público GLS (gays, lésbicas e simpatizantes) e as matérias que poderiam ser noticiadas em qualquer outro tipo de revista buscavam abordar os assuntos a partir da ótica de um leitor gay, utilizando a linguagem que se aproximasse de tal público.

A revista *Sui Generis* foi lançada no Brasil na mesma década em que as sensibilidades e subjetividades de se dizer a velhice estavam mudando. Na década de 1990 a velhice passou a ter mais visibilidade e mais atenção do Governo Federal no tocante as políticas sociais mais abrangentes sendo introduzida no país a chamada “década da terceira idade”.

A “terceira idade” passava a substituir a velhice, a aposentadoria ativa vai se opor a aposentadoria, o assistente social tornava-se animador social e os asilos passam a ser centro residencial. Com a urgência de um novo tipo de força coletiva de trabalho e com a delimitação de um outro tipo de individuação da subjetividade se tornou necessária criar novas coordenadas de produção de subjetividade, assim, os signos do envelhecimento foram invertidos e assumiram outras designações, como “idade do lazer”, “nova juventude”, dentre outros. O mesmo ocorre com a aposentadoria que ao invés de um momento de recolhimento, passa a ser um momento de atividade e de lazer. A preocupação não era apenas pensar e resolver os problemas econômicos dos idosos, mas proporcionar cuidados psicológicos e culturais, integrando socialmente um grupo que nas décadas anteriores era marginalizado.

Será então na década de 1990 que serão criados em várias faculdades do país cursos para pessoas idosas, cursos de pós-graduação em Geriatria e Gerontologia, residência em Geriatria, estágios de Geriatria e Gerontologia em vários hospitais públicos, atendimento domiciliar aos idosos com grave problema de saúde, criação de um programa do Governo Federal que oferece vacinação gratuita para os idosos, os planos de saúde começam a autorizar consulta em geriatras, etc. Será ainda nesta década que será regulamentado o decreto da Política Nacional do Idoso, passando a velhice a ser questão pública.

Nas 55 edições da revista, vamos encontrar 34 textos, distribuídos entre reportagens, entrevistas, notícias e artigos, que aparecem velhos ou que se fala da velhice. Mas serão poucos que falarão sobre o relacionamento amoroso intergeracional. Se pouco se fala ou não se diz, automaticamente, torna-se algo que não existe ou uma situação que poucos se lembrarão da possibilidade de existência. Um dos poucos textos que falará sobre a possibilidade amorosa de gays velhos estará no artigo “O olho do arco-íris” do escritor João Silvério Trevisan publicado na 33ª edição.

Já na primeira edição da revista encontraremos uma matéria que não fala sobre a velhice, mas que apresenta uma pessoa velha emitindo opinião sobre assuntos que eram de interesse do público alvo da revista. O primeiro texto que traremos, é uma matéria que tem como personagem principal, o escritor Caio Fernando Abreu que fala sobre Aids, discriminação e sexualidade. A matéria “Conhecendo o paraíso”, produzida por Maristela Barros com imagens do fotógrafo Marcos Mendes apresenta algumas impressões de Caio Fernando Abreu, 46 anos, sobre a “hipocrisia do Brasil-barbie”, o dom que é viver a vida e a necessidade dos gays saírem do gueto.

Partindo da ideia de trazer pessoas famosas que, mesmo com alguns percalços ao longo da vida, conseguiram vencer, a matéria vai apresentando um breve perfil do escritor, informando ao leitor que ele já foi colaborador da revista *Veja* e de alguns jornais, dentre eles, o *Estado de São Paulo* periódico em que informou, em um artigo, ser soropositivo. Cita dois trabalhos, *Morangos mofados* e *Os dragões não conhecem o paraíso* e que já teve obras traduzidas para o francês, italiano e holandês “e até para a coletânea americana *Now the Volcano*, publicada pela Gay Sunshine Press” (p.21). Soropositivo e com quase 50 anos, a jornalista diz ser o escritor ativo, bonito e eternamente magro. Mesmo com tais características, é preciso lembrar ao leitor que o escritor não é um inválido, mas muito produtivo, ou seja, ele não se encaixa no modelo de imagem da velhice construído pela

mídia e pelo discurso da gerontologia. Para reafirmar a imagem do homem produtivo encontramos um pequeno depoimento de Caio na matéria.

Minha batalha, agora, tem sido esticar os dias, para terem 48 horas. Me levanto às seis e meia, faço um pouco de ioga, tomo café e vou cuidar do jardim até às oito. Sento para escrever, almoço, faço uma sesta, dou uma andada de bicicleta, de tardezinha vou para a beira do rio, de noite leio um pouco e às 11 durmo [...], (p.21).

Mesmo sendo um escritor famoso, era preciso legitimar o espaço cedido para ele na revista, mostrando-o como uma pessoa ativa, produtiva e com uma ótima habilidade cognitiva. Contribuindo assim, para a construção de outras subjetividades sobre os portadores do vírus da Aids e também dos velhos. Após uma breve apresentação do escritor, a matéria apresenta alguns posicionamentos dele sobre alguns temas. Destacaremos aqui a reflexão feita sobre o perigo de se viver no gueto e produzir produtos voltados exclusivamente para os homossexuais.

Na matéria, o autor de *Morangos mofados* faz uma crítica ao que ele chama de “luta e cultura gay”, afirmando que isso nada mais é do que uma forma de reforçar a discriminação. Para ele, o ideal seria lutar pelo direito de todos os grupos desfavorecidos, do contrário fica “(...) algo meio Xuxa, tipo vamos fazer a botinha, a camisinha, a calcinha, e vender, vender, vender” (p.70). São criados produtos e personalidades para ser consumidas pelos que estão no “mini-guetos, dentro do médio-guetos dentro do macro-guetos. Nós devemos caminhar é para a união de tudo. Se não, é muito esquizofrênico” (p.22). A fala de Caio estava em consonância com a proposta da revista que era a de não produzir algo para o “gueto” de publicações eróticas que produzia produtos para um mercado seletivo e que sofria preconceito da sociedade. Todavia, será em cima dessa proposta que o “movimento gay” irá se apoiar na tentativa de conseguir uma visibilidade positiva e conquistar direitos.

Ao final da matéria, Caio diz que “somos todos Laikas”, fazendo referência a cadela que foi enviada pelos russos para o espaço no satélite Sputnik no ano de 1957. O interessante da comparação é que, Laika foi enviada para o espaço sozinha, sem nenhum outro animal ao lado dela para servir de companhia. Uma cadela solitária foi lançada para o espaço que é o lugar da solidão, cheio de estrelas, planetas, galáxias, o próprio infinito. Mesmo com um discurso bastante crítico sobre o movimento gay e a (des)atenção do governo para com os portadores do vírus HIV, a matéria traz a imagem de um escritor velho, produtivo, desconstruindo a imagem da velhice inativa, mas reforça uma outra, a da

velhice como o lugar da solidão e isso pode ser percebido nas duas fotos de página inteira publicadas junto a matéria, ambas em preto e branco, que Caio Fernando Abreu aparece.

Algo bastante recorrente no periódico e revistas que estamos analisando é de os velhos como depositários de memórias, onde eles aparecerão em matérias, reportagens e revistas lembrando de determinadas épocas ou fatos vivenciados ao longo da vida e que servirão como exemplos para serem dados aos leitores. Vimos isso em algumas matérias de o *Lampião da Esquina* e o mesmo acontece na *Sui Generis* como pode ser visto na sétima edição da revista na matéria “Recordações de sexo e revoluções” que foi publicada na seção *Livros*. A matéria fala sobre o lançamento do livro *A cerimônia da inocência* do ator, escritor, diretor e dramaturgo Sérgio Viotti. A obra narra as descobertas de um adolescente no período da Era Vargas. Ao ser perguntando se o livro é autobiográfico ele afirma que “é muito improvável qualquer história que recordar a infância e adolescência não possuir traços autobiográficos” (p.14).

Como nos indaga Albuquerque Júnior (2010, p. 14),

quando viver é lembrar, quando se julga não se ter mais vida, escrever um texto que avalia, meio que a distância o que viveu, o significado que tiveram suas ações e ideias, este ser se coloca no lugar do morto, se coloca como já tendo encerrado a vida, como então continuar vivendo?

Desta feita, podemos dizer que a velhice é o momento no qual o corpo biológico já não possui a força e vitalidade dos corpos jovens, sendo este o momento para recordar o passado e, neste caso, a adolescência que serviria de mote para compor uma história literária.

Como sempre ocorre, é feita uma apresentação da vida profissional do escritor, mostrando que o primeiro romance, *E depois nosso exílio*, lançado em 1963, recebeu um dos mais importantes prêmio literários na época. Também é dito que o livro de poesia publicado em 1953, *Invenção triste* foi lançado em Portugal, que vários textos para teatro foram encenados nas décadas de 1970 e 1980, que já morou em Londres e que trabalhou na BBC. Logo, toda essa história legitimaria a presença de Viotti na *Sui Generis*, pois ele era uma pessoa “capacitada”.

Na matéria, há a imagem da capa do livro que estava sendo lançado, e uma foto de Sérgio Viotti, em que aparece de frente, mas não olhando para a câmera, com um olhar que observa o que não se mostra na imagem. O espaço dado ao escritor nas páginas da revista, provavelmente, se deve ao fato não apenas da publicação da nova obra mas, por ele ser velho, detinha saber, experiência e capacidade de perceber e explanar sobre o mundo,

mesmo que fosse através de uma obra literária. Sendo então, válida a presença do mesmo nas páginas da magazine.

É possível perceber até aqui que a imagem dos velhos gays trazidas pela *Sui Generis* difere radicalmente da mostrada no *Lampião da Esquina*. Enquanto este vai ver a velhice como algo demérito, cabendo aos velhos, independente da orientação sexual, sair das ruas, abandonar os espaços públicos e viver na reclusão, a *Sui Generis* mostrará aos leitores velhos produtivos, que estavam realizando as atividades referentes a área de atuação. Alguns de forma solitária, outros com o companheiro ao lado e ainda tem aqueles que pagam para vivenciar o prazer. Então vai existir, para os que produziam tal magazine, outras formas de se vivenciar a velhice, não sendo este uma fase dramática da vida, que a *mariconna* deveria ser relegada ao abandono, havendo ai sua uma morte social. Nesta revista, não haverá espaço para imagens de doenças causadas pela velhice, de decadência física ou dependência como destino para os que envelhecem. Pelo contrário, era sugerido estilos de vida e de consumo para aqueles que não se sentiam velhos. E isso ia de encontro a imagem dos velhos produzidos pelos gerontólogos na década de 1990.

Debert (1999) atenta sobre a dissonância entre os discursos médicos com o midiático, “a imagem de uma velhice gratificante surpreende os gerontólogos, que propõem ações para beneficiar os mais fragilizados, mas não é esse o perfil dos velhos mobilizados, quer pelos programas para a terceira idade, quer pelos meios de comunicação.” (p.220).

Na última década do século XX os padrões da velhice vão sendo transformados em uma experiência prazerosa e também jovial e não mais como um momento de isolamento ou espera da morte. Aos poucos, o discurso dos gerontólogos também passou a ser reformulado. Agora, o avanço da idade não traz mais consigo problemas para quem tem uma postura positiva perante a vida. Essa mudança de discurso da geriatria se deve pela mudança interna que ocorreu na Associação Brasileira de Geriatria e Gerontologia que, no final da década de 1970, passou a aceitar gerontólogos com especialidades em diferentes áreas, passando a ser feita uma abordagem de cunho multidisciplinar sobre a velhice. Assim, os debates que antes eram sobre o determinismo biológico onde os geriatras percebiam a vida como um contínuo de etapas naturais e universais do desenvolvimento, os gerontólogos enfatizaram em seus discursos sobre a dimensão cultural da velhice. Duas décadas depois era perceptível a mudança e a velhice, pelo menos no discurso dos médicos, dará ênfase as imagens positivas da velhice e não mais a velhice como uma doença. E como vimos, até o momento, a *Sui Generis* também trará esse novo discurso sobre a velhice em

suas páginas. Aos velhos gays, muitas vezes caberá a produção seja de livros, discos, peças, filmes

Referências bibliográficas

ABREU, Nuno César. **O olhar pornô**: a representação do obsceno no cinema e no vídeo. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. In: AGRA DO Ó, Alarcon. **Velhices Imaginadas** - Memórias e envelhecimento no Brasil (1935, 1937, 1945). Campina Grande: EDUFCEG, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

GREEN, James; QUINALHA, Renan. **Ditadura e homossexualidades**: repressão, resistência e a busca da verdade. São Paulo: EdUFSCAR, 2014.

HOWES, Robert. **João Antônio Mascarenhas (1927 – 1998)**: Pioneiro do ativismo homossexual no Brasil. In. Cad. AEL, v 10, n. 18/19, 2003.

MINOIS, George. **História da velhice no Ocidente**. 1º edição. Lisboa: Editorial Teorema, 1999.

POCAHY, Fernando Altair. **Envelhecer nas tramas da hetero e da homonormatividade**: marcas do poder, travessias e (re)invenções de si. Projeto de tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação, UFRGS, 2008.

SIMÕES, Julio Assis. Homossexualidade Masculina e curso de vida: Pensando idades e identidades sexuais. In. **Sexualidades e saberes: Convenções e fronteiras**. Rio de Janeiro: Garamod, 2004.

WEEKS, Jeffrey. Os problemas dos homossexuais mais velhos. In **Teoria e prática da Homossexualidade**. HART, John & RICHARDSON, Diane. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1983.

Periódico e revista:

Lampião da Esquina. Ed. 01, 1971.

Lampião da Esquina. Ed. 26, 1980.

Sui Generis. Ed. 01, 1995.

Sui Generis. Ed 07, 1995.